

APRESENTAÇÃO

EUCLIDES DA CUNHA: UMA POÉTICA DO SERTÃO BRASILEIRO

Este décimo sexto número da revista Verbo de Minas – Letras é dedicado à obra de Euclides da Cunha do qual, neste ano de 2009, se relembram os cem anos da trágica morte. Os ensaios aqui publicados transitam pela obra euclidiana procurando apresentá-la (ou re-apresentá-la?) dentro dos postulados crítico – literários atuais. É uma homenagem, entre tantas, que foram prestadas este ano, a este autor que trouxe para nosso conhecimento as assimetrias sociais, o drama do sertanejo e do seringueiro.

A revista inicia-se com Ângela Gutierrez, tecendo considerações sobre as reportagens que compõem o **Diário de uma expedição** e sobre algumas passagens de sua **Caderneta de campo**, que são como que esboços para o retrato de Antônio Conselheiro que depois ele completará em **Os sertões** e que se fixará no imaginário brasileiro.

Em seguida, Arlete Parrilha Sendra faz um estudo biográfico/poético sobre a vida de Anna Emília da Cunha, esposa de Euclides, a quem vê como uma mulher “que viveu a agonia, no sentido dos gregos, e dividiu-se, lutando contra duas forças” “presentes no ato de viver: a cultural e a social”.

Em “Euclides da Cunha o escritor e sua brasilidade”, Fábio Lucas afirma que, para entender as contradições do autor, temos que contrapor em Euclides o homem de gabinete e o trabalhador de campo; “o estudioso que tudo absorvia e o escritor, que tudo dramatizava” Fábio Lucas nos apresenta a um escritor contraditório que buscava o absoluto como cientista e a relatividade como artista.

Gilberto Mendonça Teles, em longo ensaio, pesquisa as diversas acepções da palavra *sertão*, carregada de significados, e conclui que “é uma dessas palavras que traz, em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador”, apresenta vários autores de diversas épocas que empregaram a palavra, culminando com os sentidos que ela adquire a partir de **Os sertões**, em que Euclides promove um diálogo entre o litoral e o sertão brasileiros.

Para Hildeberto Barbosa Filho, a veracidade e o caráter documental e sociológico dos escritos que representam a realidade vivida pelo autor, que

descreve o que viu durante sua permanência em Canudos, trazendo para seu estudo um caráter documental que, entretanto, não compromete o valor estético da obra euclidiana.

Nelson Mello e Souza, embora julgue insuficientes os conhecimentos sociológicos de Euclides, defasados em relação aos da Europa, concede-lhe o valor de ter exercido grande influência na criação da identidade nacional, tão incipiente em sua época. E julga estar aí a grande aceitação dos leitores e dos críticos _ José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero_ unânimes em considerar **Os sertões** uma obra seminal.

Rinaldo de Fernandes dedica-se a comprovar que nosso autor denuncia bravamente as disparidades sociais e o desprezo histórico que os nascidos no litoral tinham em relação às populações do interior, com estilo incomum “uma mistura de épico, lírico e dramático [...]”.

A segunda parte, “Outros textos”, inicia-se com as reflexões, quase pioneiras, de Dalma Nascimento sobre a velhice, no passado e no presente e a presença do ancião na literatura universal e brasileira. Por fim, analisa os contos memorialísticos de “Me dê a mão” de Norberto Boechat.

O artigo de Leandro Pereira Gionçalves sobre o discurso literário de Plínio Salgado, objetiva discutir o diálogo da história com a literatura como um caminho nas trilhas do imaginário, criando instrumentos capazes de analisar o *processo* de criação nacionalista de Plínio Salgado que, além de ensaísta político, foi autor de vários romances e poemas.

Em seguida, Nícea Helena e Luciene Tófoli apresentam ensaio de assunto bem atual, cujo título já abre para a polêmica “jornalismo e literatura: narrativas amparadas por *logos* e *mythos*.”, onde defendem a idéia de que o jornalismo não é um reduto de objetividade e imparcialidade.

O editor responsável por esta homenagem a Euclides foi o Professor Doutor Gilberto Mendonça Teles que se empenhou em obter as colaborações sobre Euclides da Cunha ao qual agradecemos o entusiasmo em obter estas colaborações que nos mostram unanimidade na aceitação da obra euclidiana, mas uma unanimidade complexa e aberta polifonicamente a várias interpretações.

A partir das leituras dos artigos aqui apresentados, podemos afirmar que Euclides, com seu sentimento de geografia e seu olhar novo sobre as culturas de nosso país, representou um modo de escrever, não de uma forma neutra, mas participativa, complexa e de grande profundidade.

Concluindo, agradecemos a colaboração de todos aqueles que

participaram da realização deste décimo se número da revista, sem os quais ele não poderia vir a público.

Prof^ª. Thereza Domingues – CES/JF
Pela Comissão Editorial